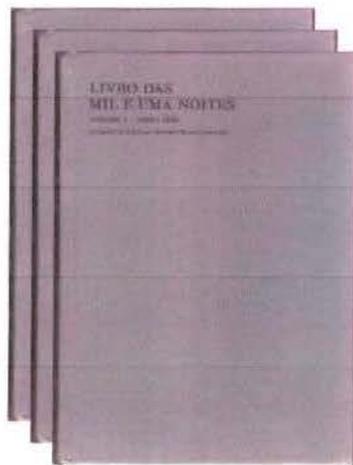


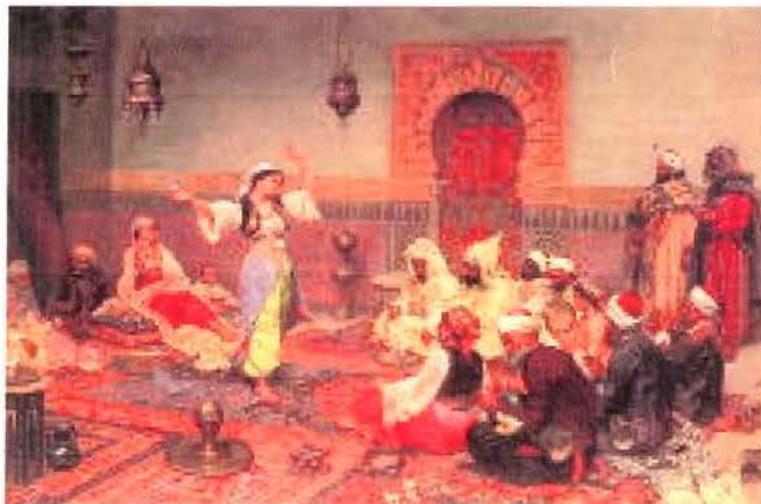
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Daniele de Camargo

As Mil



e Uma



Danças

Campinas
2005



Daniele de Camargo

As Mil e uma Danças

Trabalho de Conclusão de Curso
Graduação apresentado à Faculdade
de Educação Física da Universidade
Estadual de Campinas para obtenção
do título de Licenciada em Educação
Física.

Orientador: Prof. Ms. José Rafael Madureira

Campinas

2005

Daniele de Camargo

As mil e uma Danças

Este exemplar corresponde à redação final do Trabalho de Conclusão de Curso Graduação defendido por Daniele de Camargo e aprovado pela Comissão julgadora.

Prof. Ms. José Rafael Madureira
Orientador

Campinas
2005

PROVADE	FEF/1069
N.º DE FOLHAS:	
TCC/Unicamp	
C14m	
V.º	
COMBO BOI	2644
PREC.	
	11,00
REFCO	
DATA	29/12/05
N.º CPO	374706

200600548

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA BIBLIOTECA FEF - UNICAMP

C14m Camargo, Daniele de.
As mil e uma danças / Daniele de Camargo. - Campinas, SP:
[s.n.], 2005.

Orientador: José Rafael Madureira.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Faculdade de
Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

1. Dança. 2. Dança do ventre. 3. Feminino. I. Madureira, José
Rafael. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de
Educação Física. III. Título.

Agradecimentos

Agradeço a Deus por sempre ter iluminado meus caminhos.

Um agradecimento todo especial à minha mãe por ter me gerado em seu ventre e ter sido a minha fundamental professora quanto a minha formação humana.

À minha irmã, por todo carinho e dedicação e por esta forte ligação entre nós.

Ao Rodrigo por me acompanhar em todos momentos, estando sempre ao meu lado, seu extremo cuidado, dedicação, companheirismo.

Aos professores que contribuíram para minha formação humana neste período de graduação e à professora Eliana Ayoub por ter colocado o Rafael em meu caminho.

Ao Rafael, meu orientador, por deixar eu me perder entre os filmes e as fábulas do Oriente e no momento oportuno me orientar, direcionar, me colocar novamente com os pés no chão, porém com a sensação de que fiz a maior viagem até os dias de hoje.

À minha professora, colega de trabalho e grande amiga Érika Bérnago por me mostrar um caminho que foi só de ida ao eterno aprendizado de dança árabe.

Às minhas grandes amigas: Marilda, Hebe, Kelly, Lis e outras amigas de graduação.

Ao professor Jorge Pérez Gallardo, pela oportunidade da participação no projeto de Extensão na FEF, o qual pude viver intensamente a relação artística e pedagógica.

E finalmente às minhas queridas alunas, pois sem elas nada faria o menor sentido. Vocês fazem parte de toda minha conquista.

RESUMO

Este trabalho é um exercício de reflexão sobre minha condição de mulher, minha atuação como artista e professora de dança árabe dentro da área da Educação Física. Tal atuação vislumbra esta área como um espaço propício à formação humana através das práticas corporais.

Considerando o universo feminino e cultural árabe, nada melhor do que As Mil e Uma Noites para centrar as discussões do trabalho, pois trata-se de um texto em que a protagonista é mulher e seus contos, fábulas, paisagens e imagens nos levam ao Oriente num piscar de olhos.

A partir desta longa viagem, pude refletir sobre o universo feminino, fazer um registro sobre minha experiência vivida no processo de graduação e envolvimento com a dança árabe.

Este trabalho não tem como objetivo uma proposta pedagógica, pelo contrário, carrega a idéia das Mil e Uma Noites, ou seja, a multiplicidade. Se o processo de criação pode ser múltiplo como os corpos, as danças e as noites; por que não fazer das Mil e Uma Danças a expressão do universo feminino?

Deste modo, acredito que cada mulher poderia não somente representar Sherazade, a mulher que muda sua condição de vida, e de suas sucessoras, através de sua força, mas também representar através da dança suas necessidades íntimas e sociais re-significando suas práticas corporais.

Palavras Chaves: Mil e uma Noites; Dança Árabe; Universo Feminino.

ABSTRACT

This work is a reflection exercise about my woman condition, my performance as artist and teacher of Arabic dance within the Physical Education area. Such performance glimpses this area as a favorable environment for the human being development through corporal practices.

Considering the feminine and cultural Arabic universe, there is nothing better than using the book *The One Thousand and One Nights* for guiding the discussions of this work, because it is a text in which the protagonist is a woman and its stories, fables, landscapes and images can take us to the East in a blink of eyes.

Through this long journey I could contemplate and reflect upon the feminine universe, registering my experience lived during my graduation process and my involvement with the Arabic dance.

This work doesn't have as an objective any pedagogic proposal. Instead, it carries the idea of *The One Thousand and One Nights*, that is to say, the idea of multiplicity. If a process creation can be multiple as bodies, dances and nights, why not to make *The One Thousand and One Dances* an expression for the feminine universe?

In this way, I believe that each woman could not only represent Sherazade, the woman that changes her life condition and the lives of her successors, through her force. But also could represent through their dance, their personal and social needs, re-meaning their corporal practices.

Key Words: *One Thousand and One Nights*; *Feminine Universe*; *Belly Dance*.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	01
CAP.I.....	04
As Mil e Uma Noites	
CAP.II.....	09
Mulher, Corpo, Educação e Sociedade	
Beleza.....	12
Influências no comportamento feminino.....	17
Sexualidade.....	19
Maternidade.....	21
Feminilidade.....	24
Mulher, uma visão a partir da área de Educação Física.....	26
CAP.III.....	29
As Mil e Uma Danças	
LISTA DE FIGURAS.....	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	33

APRESENTAÇÃO

Minha trajetória no curso de graduação foi interessante. De 1998 a 2001 fui aluna do curso de Física, porém, o final deste período me fez refletir se aquele era realmente o caminho que eu desejava percorrer. Sendo assim, fui buscar as possibilidades de conhecimentos que outros institutos, dentre eles a Faculdade de Educação Física, poderiam me oferecer para uma possível mudança em minha formação profissional.

Foi assim que em 2002, por remanejamento interno, me transferi para a Faculdade de Educação Física, com um objetivo específico para atuar profissionalmente. Meu desejo era me tornar uma professora no sentido de compartilhar conhecimentos e significados sobre o corpo e as práticas corporais.

O motivo da mudança foi buscar um campo de atuação que se mostrasse mais significativo no âmbito da formação humana. Não conseguia me imaginar num laboratório, sem interação direta entre os indivíduos ou experimentos relacionados às ciências naturais. Sentia a necessidade de uma intervenção mais direta entre os indivíduos, capaz de redimensionar seus valores a partir das práticas corporais.

Meu aprendizado em dança árabe¹, iniciado em 2000, influenciou neste processo, pois, a partir desse momento, esta dança especificamente trouxe maiores sentidos e significado às minhas práticas corporais despertando reflexões sobre minhas subjetividades e até mesmo como professora e artista.

Ensinar a dança árabe foi uma oportunidade de compartilhar meus conhecimentos não só sobre a dança, mas também despertar nas mulheres uma reflexão sobre o corpo, beleza, estética e o sentido de suas práticas corporais.

Além disto, ensinando esta dança foi possível perceber como cada aluna a representava de maneira distinta e esta diversificação de sentidos e significados enriqueceu

¹ Utilizei o termo “dança árabe” em substituição do termo “dança do ventre”, pois esta nomenclatura reduz toda a cultura produzida por um povo que detém esta dança. Esta prática corporal não se reduz a ventre que se movimenta, o enfoque está numa dança do povo árabe que neste caso é representada pelas mulheres.

minha atuação como professora, pois conseguia distinguir em cada aluna sua individualidade ao dançar.

A idéia era mesmo esta, de que cada aluna pudesse se apropriar dos conhecimentos compartilhados e daí criar seu próprio estilo, representar a mulher que desejasse através de sua dança.

Foi a partir destas observações que me vieram os questionamentos: quais sentidos e significados minhas alunas buscavam nesta prática corporal? E qual a representação do universo feminino que desejavam?

Por mais que o sentimento de produzir um trabalho acadêmico como este tenha sido sempre presente, sentia a necessidade de alguém para me orientar que compartilhasse das mesmas curiosidades. Por indicação da professora Eliana Ayoub encontrei o Rafael, meu orientador, que estava a fim de se aventurar rumo ao desconhecido deserto.

Os caminhos percorridos para a construção deste trabalho foram os mais atraentes possíveis. As leituras das Mil e Uma Noites me consumiam, os filmes com suas belíssimas paisagens e temáticas me encantavam, enquanto as discussões históricas e sociais sobre o universo feminino, por vezes me angustiavam ou me afrontavam.

Enfim, tocavam meus sentimentos, minha condição de ser mulher e, principalmente, me apontavam que este trabalho seria apenas o começo da uma discussão que sempre fará parte de meu universo profissional como artista e professora de dança árabe.

Longe de algum tipo de proposta pedagógica, ou respostas precisas para tais questionamentos, a construção deste trabalho caminha no sentido de representar o registro de toda experiência vivida no período de graduação, os seis anos de envolvimento com esta dança e a possibilidade de uma reflexão sobre o feminino no universo cultural árabe.

O que mais me atrai nesta dança é a possibilidade da criação e diversidade da representação feminina. Com uma espada posso me sentir uma guerreira; com um véu posso desenhar no espaço; com o jarro trago comigo um dos essenciais elementos da natureza: água; com o candelabro ilumino os caminhos da vida e assim sucessivamente.

Enfim, com dança posso passar mil e um dias e mil e uma noites contando mil e uma histórias tendo, como principal espaço: o universo feminino.

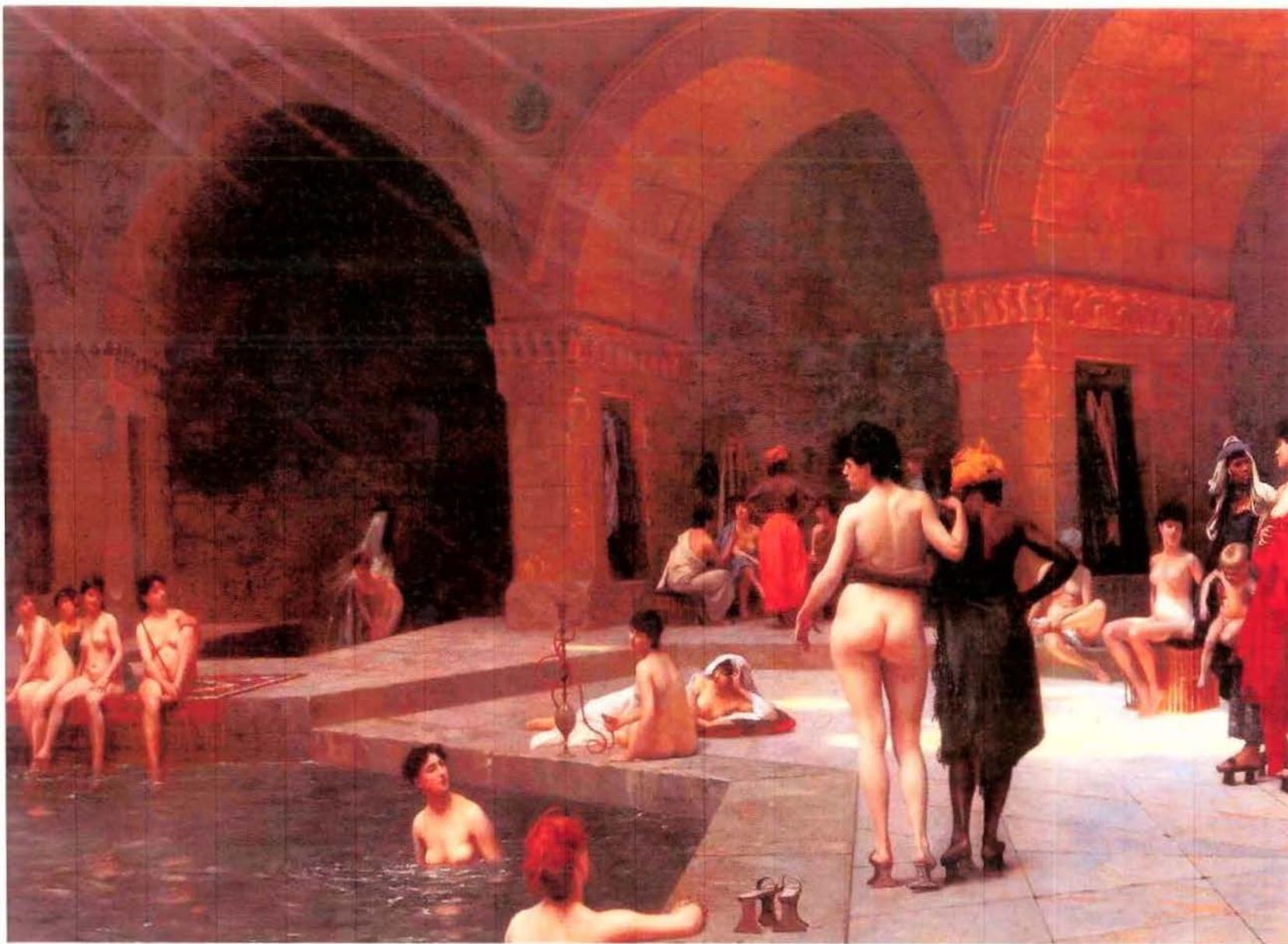


Fig. 1 Léon Gerôme, Grande piscine de Brousse Nile sur toile signée, 1885



AS MIL E UMA NOITES

O que será que faz o livro das Mil e uma Noites ser uma das obras mais lidas por toda a humanidade? E que contribuições pode trazer este texto para me referir ao universo feminino e cultural árabe?

Ler As Mil e uma Noites significa conhecer um texto repleto de fantasia, imaginação, surpresa, erotismo, intrigas, religiosidade, anedotas, espertezas e suspenses. É um texto que descreve a natureza, conta das relações amorosas, familiares e, principalmente, da mulher que representa a figura central desta obra; evidenciando a característica de um dos poucos textos literários em que faz da mulher a figura principal na Literatura.

Sua grande difusão pelo mundo foi justamente por este caráter mágico místico, sobrenatural e lúdico que envolve o leitor através de seus contos, fábulas, paisagens e imagens, levando-o para o mundo Oriental, sem mesmo nunca ter ido para lá.

A contribuição desta obra para o presente trabalho, será no sentido de entrar em contato com uma possível visão da mulher sobre o mundo através das histórias contadas por Sherazade. É perceber quais papéis, estereótipos ou conceitos de beleza foram atribuídos à mulher nesta literatura tão requintada.

As Mil e Uma Noites tem início com uma louvação a Deus e no decorrer dos contos a religiosidade está sempre presente, os personagens justificam suas ações em nome de Alá, e de certa maneira se estabelecem algum tipo de relação por alguma fatalidade².

² Isto me faz lembrar, no conto do carregador e as damas, a história dos três derviches que não têm o olho direito, cada um deles por alguma especificidade: duelos, feitiçaria ou acidente, adquiriu esta característica. Na verdade, os três optam por esta aparência religiosa como disfarce para fugir de suas cidades até finalmente se encontrarem, coincidentemente, em Bagdá, na casa das três damas onde ocorre toda a trama do conto.

É comum compartilharem as tristes histórias uns dos outros e principalmente a busca por alguém ou uma situação mais catastrófica. No primeiro conto, os dois reis, irmãos, após o adultério de suas esposas, saem nesta busca:

Vamos abandonar nosso reino e perambular em amor a Deus altíssimo. Vamos desaparecer daqui. Se por acaso encontrarmos alguém cuja desgraça seja pior que a nossa, voltaremos; caso contrário, continuaremos vagando pelo mundo, sem necessidade alguma de poder.³

Tais fatalidades agregam a figura do gênio que carrega uma idéia de castigo, longe do conceito do gênio ser provido de poderes e realizar desejos, ele se legitima com atitudes de castigo e punição em nome de Alá.

Como já dito anteriormente, a figura central da obra é a mulher associada ao adultério. Toda a trama do texto se inicia a partir dos reis irmãos que foram traídos por suas esposas, com um parceiro na maioria das vezes negro e escravo⁴.

A figura feminina é, na maioria das vezes, citada como adolescentes providas de formas harmonizantes e proporcionais, que geram suspiros aos homens. Sua imagem está sempre relacionada com a beleza.

[...]ergueu em seguida o véu que lhe cobria o rosto. Surgiram então dois olhos negros delicadamente alongados entre a franja dos longos cílios que sombreavam suas pálpebras. Suas extremidades são a própria graça; todas as qualidades físicas marcaram encontro em sua pessoa[...]⁵

[...]achou que ela se parecia com um fragmento de lua; que seu rosto era a lua cheia em todo o esplendor..ou a claridade da aurora acima do horizonte[...]Ele a contemplava sem ocultar o prazer, apreciando em justo valor o talhe daquele corpo, os seios perfeitamente arredondados, o amplo traseiro que estremecia ao menor dos movimentos[...]⁶

³ Citação retirada do livro das Mil e Uma Noites, traduzido por JAROUICHE, 2005.

⁴ Este fato justifica a escolha da figura 1, apresentada por um orientalista francês Lê Gerôme, a partir da minha interpretação, tal imagem conseguiu ilustrar uma das cenas do primeiro conto em que a mulher de um rei o trai com seus escravos.

⁵ “O carregador e as damas” p. 9-10. Conto apresentado no livro As Mil e Uma Noites.

⁶ Idem, p. 29 – 30.

A mulher, ao longo do texto, adquire características que exercem poderes sobre os homens, com os quais eles não conseguem driblar. No primeiro episódio, o rei e seu irmão são abordados por uma adolescente prisioneira do rei, que os obriga a caírem em seus encantos e ambos constataam que uma mulher é capaz de obter tudo que deseja.

Ainda, quanto aos poderes femininos, só a mulher é capaz de transformar homens em animais, quebrar encantos ou perceber a influência de alguma magia. A água é um fator principal para que a magia possa ser contemplada.

Como em toda literatura, o amor é tema fundamental nas Mil e Uma Noites, e é representado na forma erótica, platônica, romântica, mística e sensual.

[...] nas Mil e uma Noites a sensualidade tem todos os requintes, qualquer mulher se entrega a qualquer homem e sempre que se encontram fazem amor com a mesma naturalidade com que nos apertamos as mãos.⁷

[...] recitou poemas de duplo sentido e engajou-se com as três damas num jogo de beijos e gracejos, de mordidas e esfregações, de apalpamentos galhofeiros e de carícias debochadas. Uma beijocava-o, outra batia nele; outra o fazia respirar perfumes, aquela o cevava de guloseimas...Em resumo, ele tinha motivos para achar que a vida, em semelhantes condições, era no mínimo deliciosa⁸.

São relevantes algumas colocações sobre a elaboração, edições e traduções desta obra. A elaboração das Mil e uma Noites parte de tradições orais entre povos de várias regiões do Oriente: Pérsia, China, Índia, Egito, Síria e “terra do Oriente”, dita Arábia.

Deste modo, este caráter popular e o distanciamento entre tais regiões acarretaram numa dificuldade de se organizar um único exemplar original. Entre as quatro versões árabes da obra existentes, nenhuma delas são idênticas.

Tais características influenciam nas possíveis traduções difundidas no Ocidente, ocasionando inúmeras variações tanto em relação ao nome dos contos, quanto ao seus conteúdos. Um exemplo disto, citado entre autores que estudam o assunto⁹, é a primeira tradução executada por Antoine Galland. É unânime entre eles que esta se apresenta como a mais equivocada entre as traduções.

⁷ CHALLITA, p.13, 1924.

⁸ As Mil e Uma Noites, v.2 Damas Insignes e Servidores Galantes. p. 26, retirado do conto “o carregador e a damas”.

⁹HADDAD, 1961; KHAWAM, 1991; JAROCHE, 2005.

A idéia para esta afirmação é que esta primeira tradução apresenta um texto mais Ocidental do que Oriental, ou seja, foi adaptado aos olhos ocidentais, mais precisamente aos franceses. Este primeiro texto trata-se de uma fórmula facilitadora de aproximação entre os povos com uma imagem romântica do Oriente: um convite à sedução, erotismo, aventura, misticismo, riquezas e, portanto descaracterizando.¹⁰

Além disto, a obra apresenta duas linhas de interpretações: uma relacionada aos aspectos infantilizados das histórias, destituindo detalhes destinados ao adulto; e outra apresenta o exagero do erotismo proibido pela moral cristã: mundo dos prazeres, erotismo e odaliscas descaracterizando o Oriente, a partir de uma imagem fantasiosa, ou seja, a terras das delícias.

É a partir de toda esta problemática que o texto *As Mil e uma Noites* chega no Ocidente e se torna uma das literaturas mais lidas por todo o mundo.

A arte reproduz muito mais o que não é, do que o que se tem, ou seja, acaba sendo o contrário da vida. Deste modo este livro trata-se de uma ficção, seguindo de modelo à situação que se aspira, por exemplo, o adultério da mulher como forma de vingança a poligamia de Maomé e a valorização do erótico, sensual, fortuna e banquetes em contraposição com a realidade social¹¹.

Tomo este pensamento para finalizar o texto com a seguinte reflexão: o que será que Sherazade aspirava em sua condição de mulher? Posso não saber responder a esta questão, porém me senti sensibilizada por Sherazade pelo menos tentar mudar sua condição e de suas possíveis sucessoras, que seria morrer após a noite de núpcias, através de suas encantadoras histórias.

¹¹ HADDAD, 1961.



Fig. 2 Léon Belly, Mulheres da zona rural na margem do Nilo, 1863

٢
إثتان

MULHER, CORPO, EDUCAÇÃO E SOCIEDADE

Fazer uma reflexão sobre o processo histórico-cultural da construção da imagem da mulher, atribuição de papéis e valores sociais não foi uma tarefa fácil. Em alguns momentos me trouxe angústias, indignações, conflitos; pois se trata da minha condição de ser mulher, de estar envolvida por conceitos e valores sexistas que, mesmo questionando-os, fizeram parte do meu processo de formação humana.

O que mais me sensibiliza são as interpretações destes valores que influenciam não só as atitudes de cada mulher perante a sociedade, mas, também, a escolha de suas práticas corporais. A questão é que tipo de mulher representar: as que morreram após a primeira noite de núpcias com o rei Sheriar ou Sherazade que usou de suas virtudes para se manter viva ?

Até meados do século XIX, há um modelo imaginário de família criado pela sociedade burguesa, o qual se remete aos hábitos moralizados, costumes regrados versus práticas promíscuas e anti-higiênicas. Após este período surge a idéia da “nova mulher”¹², que remodela a imagem da mulher para cumprir as exigências do processo de urbanização, desenvolvimento comercial e industrial.

Isto reflete em novos conceitos para as relações sociais, familiares, domésticas e principalmente da atividade feminina e seu cuidado com o corpo e a saúde. Assim, ela deve se preocupar com seu corpo e práticas corporais, porém, sem deixar de preservar seus deveres que estão sempre relacionados com as funções maternas, domésticas e de embelezamento.

¹² Termo utilizado por GOELLNER (2003) que apresenta o surgimento da idéia da “nova mulher” a partir da mudança da família patriarcal rural para a família burguesa.

Certamente, a construção de um modelo de mulher simbolizado pela mãe devotada e inteira sacrifício, implicou sua completa desvalorização profissional, política e intelectual[...]parte do pressuposto de que a mulher em si não é nada, de que deve esquecer-se deliberadamente de si mesma e realizar-se através do êxito dos filhos e do marido¹³.

Cabia às idéias da eugenia reforçar o discurso em relação ao perigo, à prostituição, perdição, abandono da mulher ao lar e uma lógica em que ser feminina é também ser saudável, bela e cumprir com a ordem social do casamento e procriação como indispensáveis à preservação da higiene social e da ordem pública.

A idéia estava posta, havia um modelo higienista capaz de ditar normas à mulher como forma necessária à estruturação da sociedade:

Educar a mulher é também educar seu corpo- higienizá-la. Ou seja, a higienização do seu corpo corresponde, também, a higienização dos seus comportamentos e o modelo da mãe passa a determinar tanto a sua conformação física como moral¹⁴.

Chega-se até ao ponto de desenvolver programas de eugenia que visavam gerir as relações sexuais e sociais que se estabelecem nas diversas classes sociais. Dentre eles, destacava-se o Sistema de Regulamentação de domesticação das práticas sexuais, o que controlava os costumes, lugares, gestos, horários e frequência às visitas sanitárias à médicos; para a manutenção do modelo de intimidade burguesa.

Este breve histórico me situou no cenário posto em relação à mulher a partir da segunda metade do século XIX. Portanto, sua imagem foi praticamente entrelaçada à maternidade, às funções do lar, ao embelezamento e qualquer outra atitude que a destituiu de algum tipo de transformação social.

¹³ GOELLNER, p. 65, 2003.

¹⁴ Idem, p.71.

A seguir, tentarei abordar cada um destes conceitos: beleza, maternidade, feminilidade, sexualidade com o intuito de mostrar sua influência na construção da imagem feminina.

Beleza

[...]Beleza resplandecente e ao mesmo tempo harmoniosa, de formas perfeitas e proporções agradáveis...Um rosto que se poderia tomar pelo primeiro clarão da lua nova no momento em que se eleva no horizonte; olhos que pareciam conversar, com os das gazelas e os do antílopes selvagens; sobrancelhas arqueadas como o crescente da lua numa noite de Ramada¹⁵; faces semelhantes às das anêmonas; uma boca miúda tão delicadamente desenhada quanto o sinete de Salomão; lábios delicados, com o mesmo encarnado do ouro nativo; dentes como tantas pérolas miúdas gastadas num coral; pescoço feito do mesmo marfim que se costuma oferecer aos sultões; um busto semelhante a uma fonte de dois jatos gêmeos; seios que eram quais romãs; ventre cavado, com um umbigo onde se poderia alojar meia medida de unguento de noz-moscada...Quanto á parte do corpo feminino pelo qual todo homem suspira, adivinhava-se igual ao gentil focinho de um coelhinho sem orelhas¹⁶[...]

É constante a associação da feminilidade à beleza, modificações para cada vez mais se chegar ao embelezamento, através de cirurgias plásticas ou academias. Assim, a história do embelezamento feminino cede o lugar para a cultura do espaço íntimo: cuidados com unha, pele, cabelos, olhos, regras de elegância.

Os anos 1900-1930 atravessaram um período de combate aos defeitos da mulher, pois a falta de beleza indicava doença. Os produtos utilizados eram os “remédios”, e não cosméticos, contando que os mesmos não tinham nenhuma autonomia sem os médicos. O corpo era tratado no prisma medicinal, com preocupações quanto à higiene.

Na primeira metade do século XIX, os discursos sobre a beleza se aliam às regras da igreja católica, através de manuais e revistas femininas que relacionavam o embelezamento à moral duvidosa, pois a verdadeira beleza era fornecida por Deus, sendo assim considerada um dom.

¹⁵ Mês o qual comemora a primeira revelação do Corão recebida por Maomé. Durante um mês as pessoas jejuam desde o nascer até o pôr do sol. Segundo eles, os portões do paraíso se abrem, os do inferno se fecham, e os que jejuam têm seus pecados perdoados.

¹⁶ O carregador e as damas p. 14 – 15.

Nas décadas de 20 e 30, a beleza era tida exatamente como um dom divino e tiveram como conselheiros de beleza os homens, principalmente médicos e escritores moralistas . Porém antes da década de 50, a beleza ainda não estava relacionada com uma atitude individual; a mulher considerada feia era uma figura extremamente importante para as didáticas ilustrações publicitárias do passado¹⁷.

A partir dos anos 50, a idéia da beleza estava relacionada à intervenção individual, ou seja, dependia do aprendizado de técnicas e unicamente da mulher, não existindo mais o tal segredo. Recusar o embelezamento tratar-se-ia de uma negligência feminina, caso clínico ou psíquico que deveria ser combatido.

Este movimento promove o crescimento da indústria de cosméticos, a linguagem publicitária tende a se tornar excessiva e até indecente para ressaltar a imagem da mulher bela, através de fotografias coloridas em páginas de revistas.

Nos anos 50 e 60, permeia-se a idéia higienista dos médicos: importância dos banhos, lavar o rosto, escovar os cabelos, papel higiênico e higiene íntima (no caso das mulheres) principalmente para a manutenção dos laços conjugais; a higiene do corpo está relacionada com a beleza e sedução.

Neste período há não só o incentivo à limpeza do corpo, mas também da casa. A ordem e limpeza do espaço doméstico cabiam à mulher, ainda mais com a facilidade dos produtos de limpeza, descartáveis e eletrodomésticos.

A partir dos anos 60, há um movimento publicitário de apresentar a idéia da mulher vinculada ao um desejo de cuidar de seu próprio corpo; a uma imagem de uma mulher que se diz moderna, exemplo de sensualidade e descontração.

Assim sendo, a história do embelezamento feminino constitui-se de novas exigências, tendo como exemplo o desenvolvimento da publicidade e da indústria da beleza, reforçando a idéia do dever de ser bela e ao prazer de cuidar de si mesma.

¹⁷ No entanto isto ainda é utilizado nos dias de hoje em comerciais e rótulos de cosméticos e programas de televisão, por exemplo, as propagandas antes e depois; que vendem a idéia da aquisição de programas de treinamentos, equipamentos ou remédios para emagrecimento, providos de fórmulas milagrosas para a conquista da forma física ideal tanto desejada, como um passe de mágica.

Parece que ainda estamos longe daqueles anos em que a alma da beleza se alojava unicamente no aparelho reprodutor feminino. Da cabeça aos pés, ela se prolonga da pele ao nível mais profundo do corpo. Como se a beleza não pudesse mais ter uma alma, pois ela pretende cobrir, de agora em diante, todas as idades, emergir em todas as partes do corpo, se afirmar em todos os momentos do cotidiano, para se tornar, ela mesma, eterna¹⁸.

No entanto, me questiono: que atributos envolveram o conceito de beleza? É triste, mas é tamanha a padronização da estética corporal, da beleza feminina de tal forma que a busca pela beleza se tornou o envolvimento das mulheres em apreciação de cosméticos de embelezamento e práticas corporais instrumentalizadas e/ou mecanizadas.

Por que cada uma não vai buscar sua satisfação pessoal, o que há de mais significativo em si mesma, e práticas que se direcionem por este caminho? Percebo que o referencial para estas mulheres está fora, ou seja, nos outros ou num modelo pré-determinado baseado numa sociedade burguesa em busca de um padrão estético corporal.

Representação da beleza

Quanto à representação da beleza, com base nos modelos clássicos, a civilização ocidental coroou a arte grega como ideal de beleza. Desta forma mostra-se a mitificação da beleza, quase tornando-a incorpórea, porque é contemplada a partir de um padrão estético construído para representar figuras humanas idealizadas, que pouca semelhança poderia encontrar em corpos reais e vivos.¹⁹ Deste modo, torna-se muito difícil tomar como parâmetro de beleza, imagens das quais não possuíam um caráter não humano.

“Não existe corpo humano que seja tão simétrico, tão bem construído e belo quanto os das estátuas gregas. As pessoas pensam freqüentemente que o método empregado pelos artistas consistia em observarem muitos corpos e deixarem de fora qualquer característica que não lhe agradasse[...] Muitos

¹⁸SANT'ANNA, 1995. p. 137

¹⁹ GOELLNER, 2003 faz uma boa reflexão sobre a representação da beleza baseada nos modelos clássicos.

dizem que os artistas gregos idealizaram a natureza e que a conceberam em termos de um fotógrafo que retoca um retrato, eliminando pequenos defeitos[...]”²⁰.

A representação da beleza está relacionada com as seguintes dimensões: simetria corporal, união harmoniosa entre beleza e prática de exercício e caracterizada como mais rara preocupação da mulher e um motivo de real interesse do homem.

A mulher para ser bela deve ter:

1. Três cousas brancas: a pele, os dentes, as mãos;
2. Três negras: os olhos, os supercílios e o sinal da face;
3. Três vermelhas: os lábios, as faces e as unhas;
4. Três pequenas: os seios, o nariz e a cabeça;
5. Três curtas: as orelhas, os pés e... a memória²¹

Isto soa como um desrespeito, preconceito às mulheres, determinando a beleza a partir de privilégio de raças e padrões estéticos, pois as mulheres negras não se enquadram no tom de pele mencionado, e assim por diante.

A mulher bonita deveria exercer atração e fascínio sobre o sexo oposto e incorporando esta idéia, a mulher se sentiria incentivada a cuidar de si e posteriormente tornando este ato como obrigação; como um critério de seleção e grande arma para o mercado dos casamentos.

A mitificação da beleza, não estaria relacionada à aparência física, mas também a um período histórico desejável ao comportamento feminino: encarnar a beleza é uma obrigação para as mulheres; a beleza é vista como um sistema monetário, determinado pela política e era moderna no mundo ocidental.

Assim, ser alvo do prazer parece ser uma forma de afirmação do feminino. Levando a mulher a se prender em mitos que tornam padrões de beleza que as subjulgam quando não são

²⁰ GOMBRICH, s. d., p. 69-67 apud GOELLNER, 2003, p.47.

²¹ GOELLNER(2003), cita a discussão da IV Conferência Internacional de Beleza Feminina, realizada em Hollywood, em seu texto, para exemplificar o interesse dos homens sobre as mulheres.

atingidos por elas próprias. A beleza dói quando o mais importante é o desejo de ser desejada e a mulher perde seu significado.

[...] o que incomoda as mulheres no mito da beleza não são os enfeites, a expressão da sexualidade, o tempo gasto se arrumando ou o desejo de conquistar alguém. Muitos mamíferos se arrumam e todas as culturas usam adornos. Não está em questão o que é "natural" ou não "natural". A verdadeira luta é entre a dor e o prazer, a liberdade e a obrigação"²².

A construção da imagem da mulher permeava sob duas atitudes: uma de oferecimento e outra de negação. A primeira delas estaria relacionada a satisfazer instintos sexuais e a segunda com estratégias de negação da primeira, ou seja, na forma de discursos e atitudes que enfatizam o puritanismo e moralização. Deste modo, mostra-se que a mulher perde sua identidade, pois carrega em si rótulos de comportamentos.

²² WOLF, 1992, p.364-365, apud GOELLNER, 2003. p.64.

Influência sobre o comportamento feminino

Os homens orientavam a aparência e o comportamento das mulheres. Elaboravam discursos para convencer a mulher de que a sedução é sua arma mais forte, capaz, inclusive de submeter o homem. No entanto, por mais que este discurso se remeta ao século XIX, ele ainda vale para os dias de hoje.

Outro exemplo de influência no comportamento feminino está relacionado com ordens religiosas, alguns filmes orientais tentam mostrar este aspecto. Um deles é *Osama*²³, destacando-se por mostrar a triste história de uma menina que tem de fingir ser um garoto para poder trabalhar e sustentar sua mãe e avó devido às imposições do Fundamentalismo Talibã.

Outro exemplo é o filme *Dez*²⁴, que mostra dez cenas de algumas mulheres que moram no Irã em diferentes perspectivas de vida, evidenciando: uma mãe divorciada do marido, como protagonista; sua irmã casada, uma prostituta e uma mulher que deseja se casar. Todo o enredo do filme se passa num carro em que a protagonista da história dirige, tendo a oportunidade de conversar com estas mulheres citadas anteriormente.

A personagem principal é uma mulher que se mostra um pouco diferente das outras habituais daquele país, a qual divorciou-se do marido, casou-se novamente, trabalha fora e não faz os afazeres domésticos; vivendo um conflito com seu filho que não aceita esta situação.

Os motivos de sua separação estão relacionados com a busca de um companheiro, alguém que a complete, segundo sobre o novo parceiro “... *ele me completa como um rio que corre...*”. Esta personagem se contrapõe à maneira que as mulheres são tratadas pelos homens, às relações afetivas relacionadas com a possessão e isolamento, ainda questiona “... *ninguém é de ninguém... Uma mulher não tem direito de viver. Uma mulher precisa morrer*”.

²³ Filme *Osama*: direção Siddiq Barmak, 2003.

²⁴ Filme *Dez*: direção Mohsen Makhmalbaf, 2001.

para poder viver?...". No entanto, para obter esta tal liberdade do divórcio, pois o país não permite esta situação, teve que acusar seu ex-marido de ser usuário de drogas.

O último exemplo seria o filme *A Caminho de Khandahar* que conta a trajetória de uma jornalista afegã residente no Canadá e resolve voltar às suas origens, a cidade de Kandahar, em busca de sua irmã que está prestes a se suicidar. A problemática do enredo gira em torno do uso fidedigno da burca pelas mulheres e de sua proibição à vida pública e outras restrições relacionadas com o regime afegão.

O que tentamos trazer como foco da discussão neste aspecto é a figura da mulher estar sempre relacionada à intervenção de um terceiro fator para determinar seu comportamento, ou seja, da figura masculina, religião, filhos, enfim. Deste modo a mulher que resolve se desvincular ou não aceitar nenhum tipo de intervenção paga um preço caro, não sendo valorizada pela sociedade vigente.

Sexualidade

A idéia da educação sexual veio para instruir jovens, adultos, homens, mulheres, a civilizar seus instintos e evitar taras perversões morais, disfunções sexuais, degenerência física, prostituição e adultério.

Muitos autores compartilham a idéia de que o ato sexual é valorizado apenas na dimensão reprodutiva. O corpo materno inspira mais respeito do que desejo e soa menos profano do que sagrado, ou seja, passa a idéia de ser assexuado, porém, belo, pois é capaz de gerar um fruto sadio, vigoroso e forte.

Criado este modelo social de mulher desprovida de prazeres sexuais, há uma expansão de atividades de prostituição feminina, já que o homem não pode satisfazer seus desejos sexuais com sua mulher.

A masturbação e a prostituição eram classificadas como vícios. Segundo os médicos, as causas da prostituição estavam relacionadas com a ociosidade, preguiça, desejo, amor ao luxo, miséria, desprezo pela religião e temperamento exótico; além de simbolizarem negação e ameaça aos valores dominantes.

Ainda a versão dos médicos aponta a prostituta como a mulher que vive em função da satisfação de seus desejos libertinos devassos. "... ela tem um andar, um sorriso, um olhar, uma atitude que lhe são próprios; é preguiçosa, mentirosa, depravada, extremamente simpática ao álcool, despreocupada com o futuro e muitas vezes destituída do senso moral[...]²⁵

A sexualidade é uma experiência pessoal e histórica, é marcada pela interação de múltiplas tradições e práticas sociais, morais, religiosas, econômicas, médicas e jurídicas que variam consoante cada época e cultura.

²⁵ RAGO, 1985, p. 89.

Heterossexualidade e maternidade da mulher colocada como algo fixo, este movimento só associa sua sexualidade à reprodução. Tal fato acontece por receio da “nova mulher” procurar oportunidades de desenvolvimento sexual fora do casamento, provocando um desgoverno social e sexual. De acordo com esta idéia, as mulheres são julgadas perante sua adequação ou não ao modelo de conduta sexual que tornam a maternidade e heterossexualidade obrigatória.

Se o erotismo da mulher e plena exercitação de sua sexualidade representam uma ameaça à constituição da família, o trabalho corporal feminino simboliza, além desta ameaça, uma intimidação à supremacia do homem nas competições atléticas, domínio este que parece ser inato ao seu scxo”²⁶

Considerando todos estes argumentos, podemos perceber a imagem de uma mulher assexuada, desprovida de suas manifestações sexuais e conseqüentemente um indivíduo incompleto, que não pode assumir todas as dimensões de seu corpo.

E retornamos ao mesmo ponto, a mulher desprovida da manifestação de seus desejos sexuais e a imposição de comportamentos mediante os anseios da figura masculina, a partir do momento em que ela se impor, a mesma apresentará tamanha ameaça aos homens.

²⁶ GOELLNER, 2003, p.128

Maternidade

Meados do século XIX, médicos valorizavam o papel da mulher como “guardiãs do lar”, “missão sagrada”, “vocação natural de procriação”. Este discurso pretende formar um novo modelo de feminilidade para cultivar as virtudes burguesas.

Tal discurso da valorização do papel materno difundido pelo saber médico desde meados do século passado, procurava persuadir as mulheres de que o amor materno é um sentimento inato, puro e sagrado e de que a maternidade e a educação da criança realizam sua vocação natural.

Esta “nova mãe” tem um papel fundamental na família nuclear moderna, é responsável pela saúde, marido, filhos, felicidade, família e higiene do lar. Ser mãe é ter zelo, contenção de gestos, dever social, regrido o comportamento da mulher, como forma de controle moral.

Porém, o embelezamento está dissociado da maternidade; a representação da mulher bela e feminina está relacionada ao erotismo e ao prazer que desperta enquanto objeto de estímulo sexual do que à reprodução. E a anatomia do corpo feminino é uma promessa de luxúria e de fonte de vida, de emancipação sexual e de regeneração da raça, de liberdade corporal e também de controle das emoções e das identidades individuais.

A maternidade era vista como missão individual e social, para isto eram até promovidos cursos de mãezinhas, com o objetivo de preparar as meninas para o futuro. A maternidade representa um rito de consagração da passagem ao mundo adulto e do eterno feminino, sendo assim a feminilidade só é legitimada com a maternidade.

A mãe é identificada com a imagem de Maria transmitindo uma imagem totalmente dessexualizada e purificada; ao contrário da mulher sensual, pecadora e prostituta, que está associada à figura do mal do pecado e de Eva, razão da perdição do homem.

O casamento é visto como uma das principais relações conjugais, como a força mais venerável entre dois indivíduos de sexo oposto, um estilo de existência que se baseia pela arte de estar junto uma a idéia de constituir a dois uma nova unidade.

Pensando nestes moldes de relação conjugal, o tratado de vida matrimonial atribuiu um papel de grande importância ao regime das relações sexuais.

Para o homem, o prazer só aparece nas relações conjugais; toda relação sexual é repreensível se não for situada nos moldes do casamento. O prazer sexual não é encontrado fora do casamento e a prostituição consiste numa forma não amorosa de amor.

[...] uma vida que, não sendo capaz de exercer sobre si mesma o domínio necessário, é arrebatada pela perseguição infinita a raros e requintados prazeres e a relações vergonhosas²⁷.

No período da Idade Média, a Pastoral Cristã se apossa de todas estas idéias e faz até regulação do sexo no casamento quanto às posições, freqüência de prática, gestos e maneiras, para garantir a procriação transmitindo a idéia do prazer sexual como uma mancha, exceto no matrimônio. Além disto, afirma que buscar no casamento sensações de prazer seria infringir a lei e transgredir o princípio da decência conjugal.

O casamento demanda o monopólio dos prazeres das relações afetivas entre homens e mulheres, mas no entanto não há nenhuma prescrição sobre quais prazeres que são admitidos e quais são excluídos. A única manifestação neste sentido é quanto a algumas proibições de sexo em período de regras e gravidez.

Questionando a idéia de que as prostitutas realizam prazeres sexuais, os quais as esposas não são capazes de realizar, ou melhor, não são permitidas para realizá-los; qual seria a diferença entre as mulheres do lar e as prostitutas?

Pensando bem, a diferença entre elas, acredito, que poderia estar na forma de manipulação da sociedade burguesa, a qual ditou regras posteriormente juntas à comunidade cristã que privou qualquer mulher que desejasse estar inserida naquele grupo social, a deixar

²⁷ MUSONIUS apud FOUCAULT, 1985, p. 169.

sua sexualidade de lado, esquecer de seu próprio corpo e se submeter à idéia do sexo apenas como forma de procriação.

Feminilidade

A essência feminina foi construída a partir de uma idéia de submissão, passividade, sacrifício e maternidade desde o final do século XVIII passando por outras representações nos séculos XIX e XX. Assim, à mulher, historicamente, foram atribuídas funções tais como: maternidade, administração do lar e educação dos filhos.

Na feminilidade reside o maior encanto da mulher, diferente dos homens. Deste modo, ela nunca pode deixar de ser graciosa, delicada, fértil; por mais que se apresentasse numa forma atlética, a mulher não deveria perder estas características.

Feminizar a mulher é, sobretudo, feminizar a aparência e o uso de seu corpo. A postura, a voz, o rosto, os músculos, o modo de vestir, de gesticular e exercitar suas sexualidade, são sujeitos a vigilâncias e inibições que são internalizadas a partir de uma submissão ao “outro”, sendo este “outro” abstrato, coletivo e socialmente imposto²⁸

Este pensamento é muito forte neste âmbito de discussões. No entanto há um questionamento contra todos estes preceitos e construção desta imagem da mulher vinculada apenas às questões da feminilidade, maternidade e beleza. É neste sentido que direciono a discussão para o âmbito da emancipação da mulher²⁹.

Tal discussão questiona o casamento, o enquadramento dos comportamentos sexuais e acredita que a união conjugal deve ser livre, independente da economia e da organização social.

O processo de emancipação da mulher deve partir dela própria, deste modo acredito que este processo deve vir através de uma prática corporal, que estimule a mulher a se reconhecer e ocupar o seu espaço.

²⁸ PENNA, 1989, p.42 apud GOELLNER, 2003

²⁹ Tal questionamento é discutido por MOURA, 1932

As idéias citadas anteriormente, me fizeram refletir que o papel social da mulher é a maternidade, cuidar do lar e, sobre tudo, atender às necessidades do homem. Sua sexualidade é apenas relacionada com a reprodução. E sua beleza é fundamental para que ela possa fazer parte desta estrutura social, através de um bom casamento.

A seguir, farei uma reflexão de qual foi o olhar da área de Educação Física às mulheres durante parte de todo este processo histórico de construção de sua imagem e quais práticas corporais que foram propostas.

Mulher, uma visão a partir da Educação Física

As práticas esportivas foram identificadas como possibilidades de controle, experiências que libertam emoções. Assim, a participação feminina nestas práticas oscilam entre a proibição e apoio, pois através da atividade física e esportiva, a mulher representa uma ameaça à continuidade da família e distinção dos papéis sociais entre homens e mulheres.

A educação física e os esportes entraram como prioridade para a formação da juventude e preparação das mulheres e homens para enfrentar os obstáculos da vida cotidiana. A atividade física é vista como propulsora para a construção da saúde e sociabilidade.

“A prática esportiva, o cuidado com a aparência, o desnudamento do corpo e o uso de artifícios estéticos, por exemplo, são identificados como impulsionadores da modernização da mulher e da sua auto-afirmação na sociedade e, pelo seu contrário, como de natureza vulgar que o aproxima do universo da desonra e prostituição.³⁰”

Considerando a beleza como uma questão de conquista, esforço individual, tal conquista, seria trabalho árduo, constante disciplina, dedicação, esforço para melhorar os atributos físicos que seria o dever da mulher mantê-los. O exercício físico seria o instrumento capaz de promover o embelezamento.

As mulheres, na sua maioria, apresentam, em virtude da sedentariedade da vida que levam, braços gordos e roliços, tecido adiposo. Essa é a razão principal da raridade dos tipos femininos verdadeiramente belos, dada a associação indispensável das proporções entre as partes do corpo e das formas destas partes, isoladamente.³¹

A Educação Física para a mulher foi sempre pensada para a eugenia da raça e para gerar filhos fortes. Com o papel da maternidade, o exercício físico se tornou também, uma forma para a mulher de se preparar para a gestação.

Outro tipo de atividade proposta à mulher era a dança, amplamente recomendada, sendo considerada como a atividade corporal que melhor reúne predicados que celebram a sua

³⁰ GOELLNER, 2003

³¹ Educação Physica, n. 40, 1940, p. 16-17 apud GOELLNER, 2003

feminilidade. É na dança e pela dança que a mulher vivencia, pela leveza dos gestos e movimentos, o exercício de diferentes sensações corpóreas.

No entanto, este modelo de dança estava pautado em Isadora Duncan que se reverencia a arte grega e recorre sua estética para celebrar representações de beleza e feminilidade. E estas representações se remetiam à preservação da beleza e da fertilidade com exercício da sexualidade voltada para a reprodução.

A dança, apesar de possibilitar a criatividade e auto-expressão, também cumpria o papel de censura, dissimulando práticas disciplinares que se contrapõem à plena liberdade da sexualidade feminina.

Posso considerar a dança clássica como exemplo destas práticas, pois analisando sua forma e técnica de movimento, nesta dança as mulheres mantêm o quadril totalmente imóvel, parte do corpo que expressa grande sexualidade da mulher.

Ao contrário da dança clássica, temos a dança árabe como o ápice da liberdade de movimento, principalmente quanto ao quadril, busto, cintura que desempenham movimentos arredondados e muitas vezes sinuosos que demonstram sexualidade.

Por mais que estas considerações, da Educação Física perante a mulher, tenham permeado uma visão entre os anos de 1930 e 1945³², ainda nos dias de hoje não se tem mudado tanto tal pensamento. Dentro das práticas corporais destacadas na área da Educação Física, nenhuma delas está relacionada com esta perspectiva para a sensibilidade ao universo feminino.

Nas aulas de Educação Física, que é o contato fundamental dos indivíduos com a prática corporal, não é proposto nenhum tipo de movimento em que se expresse os quadris e menos ainda a sexualidade.

“Nas aulas de educação física, por exemplo, não se aprendem exercícios para a pelve, muito menos para a saúde dos órgãos genitais. Os primeiros contatos sexuais são

³² Utilizei como fonte de referência o estudo realizado por GOELLNER, 2003.

ainda, para a maiorias das adolescentes, as primeiras oportunidades para iniciar o domínio do movimento das pernas, do ventre no ato de fazer amor”³³.

Em um filme já citado anteriormente, *Dez*³⁴, um comentário se faz relevante: “... *as mulheres precisam ter peitos e bundas, pois é disso que os homens gostam...*” - a protagonista repete o comentário feito por sua professora de ginástica - isto mostra que as mulheres são vistas como um objeto de posse, sem desejos, personalidade e opinião própria, além de serem remetidas apenas às formas de seus corpos perdendo sua identidade.

É neste momento em que questiono, qual é o papel do profissional que lida com o corpo para estas mulheres? Deixar seus corpos num modelo estético para promover prazeres ao homens? Ou se seria deixar que elas tomassem um novo sentido para estas práticas corporais?

Por mais que meu trabalho não tivesse como objetivo fazer um estudo sobre gênero, a reflexão sobre estas questões se fez necessária para que eu pudesse pensar sobre a minha prática profissional e ainda mais sobre o sentido das práticas corporais que ainda são atribuídas às mulheres nos atuais.

³³ PENNA apud BERGAMO, 2003 p. 38.

³⁴ Filme *DEZ*, direção Abbas Kiarostami, 2002.

Fig. 3 Jean-Léon Gérôme, *Dance of the almeh*, 1875





AS MIL E UMA DANÇAS

Imaginem só se ao invés de contar histórias Sherazade dançasse? E suas danças representariam as belezas do Oriente. Esta é a idéia do título deste trabalho. Sherazade uma bela artista que encanta a cada noite seu desencantador esposo, que tem como objetivo executá-la após a noite de núpcias.

E, sua dança, de tão encantadora, provida de pura magia e fantasia, faz com que seu esposo desista da idéia de execução e Sherazade consiga de uma maneira artística executar seu papel de grande importância: se reaproximar de suas necessidades íntimas e sociais.

Pensar em Mil e uma Danças significa pensar em mil e um povos, com mil e um corpos e mil e uma linguagens, no sentido em que as danças são inúmeras, assim como as noites e os corpos. Cada região do Oriente, com suas manifestações culturais diversas, traduz isto através de suas infinitas danças, na medida que, a cada momento, o processo de expressão e criação não se esgota e é capaz de ultrapassar as mil e uma noites.

A extensão deste pensamento se reflete na minha atuação para a formação de indivíduos, ou seja, cada aluna também tem sua vivência cultural e, portanto, suas mil e uma danças. Convém a mim, no caso, professora, aflorar este conhecimento e contribuir para que outros sejam incorporados.

Considerando a dança árabe, podemos verificar um desinteresse sobre esta prática, seja por desconhecimento ou preconceito. O preconceito se justifica pela maneira equivocada de alguns profissionais, que não conseguem transmitir o sentido e significado desta prática principalmente quando se trata de representar a cultura do povo árabe.

Sendo assim, atribui-se a esta dança uma conotação exclusivamente sensual e erótica, um tipo de “ginástica sensual”, reforçando a antiga idéia de que a mulher deve possuir atributos para ser notada pelo sexo oposto e posteriormente satisfazê-lo.

Não me apropriei dos conhecimentos envolvidos na dança árabe para fazer caprichos aos homens, complementar a relação sexual ou deter um atributo a mais e ser escolhida por alguns deles. Na verdade, a escolha foi minha, por uma prática corporal que me trouxe tantos significados capazes de direcionar minha atuação profissional e me dedicar como professora e artista.

No entanto, por se tratar de uma dança do universo feminino que se remete aos conceitos de sexualidade, maternidade, feminilidade e beleza, acredito que ela possa despertar reflexões sobre as representações da mulher em seus papéis sociais, sua sexualidade e a construção de seu corpo.

A construção de um corpo baseado na lógica da eficiência, da produtividade, da exploração e competitividade, admite pedagogias do corpo que tentam reproduzir estes imperativos.

Deste modo, a padronização do corpo e da beleza contribui para que as mulheres se envolvam em práticas que se distanciam das necessidades íntimas e sociais da mulher. As mulheres passam horas a fio em exercícios esvaziadas de sentido, repetidas e mecanizadas que têm como objetivo único e inequívoco a idealização de uma atitude e, mais, de um pensamento sobre o corpo.

O referencial de corpo baseado num padrão de beleza reproduz a idéia de uma categoria massificada, em que não importa a individualidade. Neste caso, a preocupação se torna o modelo de beleza apresentado pela mídia, independente da busca de uma prática corporal que lhe traga sentidos e significados.

Desejei mostrar que é possível uma prática corporal mais sensível à mulher, capaz de fazer florescer sua feminilidade e beleza pela qual cada uma pode expressar suas necessidades íntimas e sociais.

A crítica não está sendo feita no sentido juízo de valor, para determinar qual prática deve ser elegida, mas sim no sentido de repensar o significado de uma prática corporal que tem sido menos valorizada.

Não quero ser ingênua a ponto de afirmar que este tipo de atividade também não sofre a persuasão do mercado. Todas as práticas corporais são influenciadas por esta lógica. E se tratando de uma “ginástica sensual” geradora de consumo, cria-se um grande mercado que se debruça sobre seus diversos produtos: figurinos, acessórios, alto custo das aulas e cd.

Ainda nesta prática, posso observar movimentos que admitem a lógica do corpo ideal, ou seja, uma grande preocupação com a forma física, inclusive, incentivando, paralelamente, práticas instrumentalizadas para manter o corpo em sua plena forma física e apresentar um corpo belo para o seu público.

Finalizando, repito que este trabalho não teve como objetivo buscar respostas precisas sobre meus questionamentos. Porém, foi fundamental como um exercício de reflexão sobre minha condição de mulher, minha atuação como artista, professora e profissional da área de Educação Física, capaz de fazer florescer um espaço além da reprodução de práticas mecanizadas, instrumentalizadas e esportivizadas.

E, mais ainda, me apropriar de práticas que se diferenciem e sejam capazes de compartilhar com uma concepção de corpo baseada na expressão da cultura corporal de movimento para dar novos sentidos e significados a estas práticas corporais.

LISTA DE FIGURAS

- CAPA A bailarina Oriental (Danseuse orientale), quadro de Edouard Richter.
Fonte: Thornton, 1985, p. 95
- FIGURA 1 Grande piscine de Brousse Nile sur toile signée, quadro de Léon Gérôme pintado em 1885
Fonte: Thornton, 1985, p. 69
- FIGURA 2 Mulheres da zona rural na margem do Nilo (Femmes Fallahs au board du Nil), quadro de Léon Belly pintado em 1863
Fonte: Thornton, 1985, p. 175
- FIGURA 3 A almée (L `almée) quadro pintado por Jean – Léon Gérôme em 1863, retrata uma bailarina dançando com snujs.
Fonte: Ackerman, 1992, p. 63

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACKERMAN, Gerald, M. **La vie et L'oeuvre de Jean-Léon Gêrome**. Paris: ACR Édition, 1992.

BERGAMO, Erika. **Dança do ventre na FEF: Conhecimentos Envolvidos e Desenvolvidos Nesta Atividade de Extensão**. Monografia apresentada ao curso de Graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, 2003.

BUONAVENTURA, Wendy. **Serpent of the Nile: Women and Dance in the Arab World**. New York: Interlink Publishing Group, 1998.

CHALLITA, Mansour. **As mais belas páginas da literatura árabe**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1924

HADDAD, J. Almansur (Tradução). **As Mil e uma Noites**. São Paulo: Edição Saraiva, 1961.

FOUCAULT, Michael. **História da Sexualidade III: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Editora: Graal, 1985.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Bela, Maternal e Feminina: Imagens da Mulher na Revista Educação Physica**. Ijuí: Editora Unijuí, 2003.

JAROUCHE, M. Mustafa. **Livro das Mil e Uma Noites, Volume I: Ramo Sírio**. São Paulo: Globo, 2005.

KHAWAM, R. René. **As Mil e Uma Noites**. 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

MOURA, M. L. **A Mulher é uma Degenerada?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1932.

PENNA, Lucy. **Dance e Recrie o Mundo**. São Paulo: Beca, 2001.

RAGO, Margareth, Luzia. **Do Cabaré ao Lar: A Utopia da Cidade Disciplinar: Brasil 1890-1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

SANT'ANNA, Denise. Bernuzzi. de. Cuidados de Si e Embelezamento Feminino: Fragmentos para uma História do Corpo no Brasil. In: SANT'ANNA, D. B. de (Org). **Políticas do Corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

TARCHOUNA, M. **Cento e Uma Noites: Histórias Árabes da Tunísia**. São Paulo: Editora Hedras, 2001.

THORNTON, Lynne. **La Femme Dans La Peinture Orientaliste**. Paris: ACR Édition, 1985.